

CAROLINE SAFIANO



CURITIBA

2001

CAROLINE SAFIANO

SEXUALIDADE NA ESCOLA

Monografia apresentada à disciplina de Seminário de Monografia, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Rogério Goulart da Silva

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à meus pais, que com muito esforço me ajudaram a cumprir mais uma importante etapa de vida. A meus amigos que durante todos os momentos, sempre estiveram ao meu lado, e a todos os professores que com muita paciência, nos ensinaram muito sobre a nossa profissão e sobre a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor e orientador Rogério Goulart da Silva, pelo acompanhamento e revisão do estudo e ao professor Iverson Ladewig , pelas críticas e sugestões para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	v
RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	01
1.2 JUSTIFICATIVA	02
1.3 OBJETIVOS	03
1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	04
2 REVISÃO DE LITERATURA	06
2.1 A CONSTRUÇÃO DA IDÉIA DE SEXO	06
2.2 COMPORTAMENTO SEXUAL MOLDADO PELA SOCIEDADE	08
2.3 ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE	11
2.4 O PAPEL DA FAMÍLIA.....	16
2.5 A ESCOLA COMO DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE	19
2.6 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	21
2.6.1 Esclarecendo Dúvidas	23
2.6.2 Postura do Educador	24
2.6.3 Relação Escola- Família	25
3 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

RESUMO

Falar de sexualidade significa falar de poder, desejo, paixão, violência, pecado... Questões estas que estão presente dentro do contexto escolar. Pesquisando sobre este assunto descobrimos a importância da Orientação Sexual na escola, com o objetivo de transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, como tabus, crenças e valores a ela relacionados. Devemos entender que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política, e também é construída ao longo da vida. Como educadores devemos proporcionar aos jovens a possibilidade de exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. Ao realizarmos um trabalho sobre a sexualidade, que tenha como objetivo o respeito e a confiança, a escola poderá utilizá-lo como uma alternativa de construção do respeito às individualidades, da troca de experiências e conhecimentos que estimulem o uso responsável da liberdade do homem. Assim ao analisar os problemas da adolescência, vemos que eles acabam se manifestando na escola, pois é o local onde os jovens se encontram diariamente, trocando opiniões e dúvidas. Primeiramente é necessário que saibamos, de forma clara e objetiva, a importância de se trabalhar esta temática dentro da escola. O trabalho da Orientação Sexual na Escola, é levantar questionamentos, ampliar a área de conhecimentos e de opções, possibilitando que os próprios alunos façam a escolha de seu caminho, de forma consciente e responsável. A confiança entre professor e aluno é a base para a construção do saber. O professor deve entender que a busca do prazer e as curiosidades sobre a sexualidade, fazem parte do desenvolvimento de crianças e jovens.

1- INTRODUÇÃO

Quando comecei a pensar sobre a construção de uma monografia, acreditava, pelo que lia e via na universidade, que este tipo de trabalho deveria ser realizado unicamente a base de estudos bibliográficos, isentando-me de qualquer opinião. Entretanto, com as dificuldades de escrever sobre o tema, talvez pela distância encontrada entre o que penso e aprendi na minha construção de identidade com as formas de construção dos trabalhos acadêmicos. A maioria deles demonstram estudos sobre x, y ou z, pouco ou quase nada falam sobre seus próprios protagonistas.

Nesse sentido minha pesquisa busca, além de entender o que foi e está sendo escrito sobre o tema, o meu papel como educadora e as verdades que formaram meus juízos de verdade.

O que me levou a pesquisar este tema, foi a observação do comportamento dos adolescentes dentro da escola. As várias transformações pelas quais eles estão passando, suas dúvidas e curiosidades e, principalmente, as formas que eles encontram para responder as questões levantadas pelo próprio grupo.

Presenciando várias conversas nos “grupinhos” de meninos e meninas, pude perceber a carência de esclarecimentos, informações estas que muitas vezes passam despercebidos pelos pais e professores.

Sem dúvida é muito difícil atender a todas as necessidades de nossos jovens, responder todas as perguntas, porém, precisamos ter plena consciência de que estas dificuldades devem ser superadas. Temos o dever, como pais e educadores, de estarmos presentes na formação da identidade destes jovens.

1.1 Problema:

A sexualidade era um assunto privado, que parecia não ter nenhuma dimensão social, era um assunto pessoal e particular. Muitos consideram que a sexualidade é

algo que todos nós, homens e mulheres, possuímos “naturalmente”. Se aceitarmos essa idéia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social, política ou a respeito de seu caráter construído.

Falar de sexualidade significa também falar de repressão, poder, preconceito, interdição do corpo, desejo, paixão, violência, pecado, Enfim, de todas as representações sociais que giram em torno dela, questões estas, que não estão fora do espaço escolar (BONATO, 1996).

Buscamos então, responder algumas questões que estão muito presentes dentro do contexto escolar, do tipo: Como devemos trabalhar com os nossos alunos a temática sexualidade, respondendo às necessidades que eles sentem em relação a este assunto?

Nesse sentido, a Orientação Sexual na escola, deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica, com o objetivo de transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, como tabus, crenças e valores a ela relacionados. Essa intervenção não ocorre individualmente, mas sim de maneira coletiva, diferenciando-se também da educação familiar, não substituindo essa função, mas complementando-a, pois dá a oportunidade de discussões sob vários pontos de vista, sem a imposição de determinados valores sobre os outros.

Com isso, apesar de uma preocupação geral em torno da orientação sexual na escola e, de várias medidas de ação e formação para lidar com o tema, os profissionais tem-se defrontado com resultados controversos ao que se pretende: esclarecimento, emancipação e informações qualitativas para uma melhor convivência entre diferentes pontos de vista, conceitos e entendimento a respeito da questão.

1.2 Justificativa:

Alguns anos atrás, falar de sexo era algo que deveria ser tratado apenas com alguém muito íntimo, e de forma reservada. Viver plenamente a sexualidade era, em princípio, algo reservado à vida adulta (LOURO, 1999). Devemos entender que a

sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política, e também é construída ao longo da vida.

Proporcionar aos nossos alunos discussões, troca de informações, faz com que eles comecem a pensar e a tirar suas próprias conclusões, sem a necessidade de expor para o grupo. No caso do ambiente familiar já há uma certa expectativa por parte dos pais para saber a posição do filho com relação a temática. Por outro lado, esta expectativa, muitas vezes, está calcada no sentido de velar mais ainda a questão, por se tratar de assunto polêmico e de cunho moral com juízo de valores e princípios com base numa tradição preconceituosa.

Tendo presente esses comportamentos diversos, o objetivo da Orientação Sexual é proporcionar aos jovens a possibilidade de exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa, fornecendo critérios para o reconhecimento de comportamentos ligados à sexualidade que exigem intimidade e privacidade, assim como manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola.

Através deste trabalho, buscamos desenvolver alguns pontos norteadores para o trabalho do professor, maneiras de abordagem do tema, para que ele tenha condições de responder as curiosidades e necessidades de seus alunos, que surgem durante as aulas.

1.3 Objetivos:

Objetivos Gerais:

Conhecer os diferentes significados que envolvem a sexualidade, como é tratada e como vem se desenvolvendo dentro da sociedade.

Objetivos Específicos:

- Encontrar meios que auxiliem o professor a tratar a temática sexualidade de acordo com o contexto que permeia sua relação com os alunos.

- Oferecer subsídios, não somente para a área de Educação Física, mas também para todas as outras disciplinas, componentes do currículo escolar.
- Reunir diferentes formas de abordagem do tema para fins de pesquisa na área.

1.4 Delimitação do Estudo:

A sexualidade e as discussões que a envolvem, são muito amplas. Procuraremos explicitar neste trabalho um pouco de sua história, como a sexualidade vem se desenvolvendo na nossa sociedade e o que devemos fazer para trazer este tema para dentro da sala de aula e para as atividades desenvolvidas na Educação Física.

Cada vez mais os jovens e até mesmo as crianças, se envolvem em aspectos relacionados à sexualidade. A mídia exerce profunda influência sobre a formação da personalidade e atitudes dessas pessoas que estão começando a formar opiniões e críticas.

Essa influência, até certo ponto, pode estar sendo negativa, uma vez que não se tem muito claro os critérios de controle sobre aquilo que se deve ou não mostrar para os nossos jovens. Todos tem acesso muito fácil às informações e de certa maneira acabam se tornando alvo de “cópia”. Por acharem que já são adultos suficientes acabam imitando certos comportamentos que são apresentados na mídia, acreditando que aquilo que estão realizando é o certo. Consequentemente muitas dessas crianças e adolescentes, não conseguem discernir a realidade da ficção, sofrendo os efeitos perversos de tal ilusão às situações limite¹.

É por esse e por outros motivos que os professores devem estar atentos para ter como agir e reagir, no sentido de uma clara e objetiva explicação e não tentar dar voltas para contornar o assunto.

¹ Situações delicadas nas quais, frequentemente, o professor ou até mesmo o próprio parente, é surpreendido a uma interrogação polêmica ou de difícil resposta, e até mesmo de difícil resolução, como no caso de uma gravidez infanto-juvenil. Utilizaremos este termo para melhor definir a situação de conflito em relação ao tema.

O contorno de determinados assuntos podem surtir efeitos contrários ao que o educador se propõe. É necessário vencer o medo e enfrentar as situações consciente dos fenômenos que envolvem a relação professor x aluno e também dos valores veiculados em torno dessa problemática.

Tendo em mente essa condição, o estudo se encaminha na direção do contexto escolar com base nas diferentes formas de abordagem sobre a sexualidade.

2- REVISÃO DE LITERATURA:

2.1- A Construção da Idéia de Sexo:

Definir sexualidade, não é algo tão simples assim. O sentido da palavra sexo, era apenas para definir as pessoas entre homens e mulheres. Com o passar do tempo foi adicionado ao significado da palavra, a reprodução. No final do século passado, até mesmo outras processos não reprodutivos, mas que levavam a obtenção de prazer, passaram a serem percebidos como expressões da sexualidade (VITIELLO, 1997).

Segundo FOUCAULT (1998), o termo sexualidade surgiu no início do século XIX. O uso da palavra foi estabelecido com relação a fenômenos como: o desenvolvimento de campos de diversos conhecimentos (fatores biológicos como variantes individuais ou sociais do comportamento); conjunto de regras e normas (tradicionais e novas), e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas, como também mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

Hoje, nos referimos ao termo sexo quando abordamos aspectos biológicos da reprodução (anatomia, fisiologia de ambos os sexos). Mas, quando usamos o termo sexualidade, não estamos falando apenas dos aspectos reprodutivos ou da busca de prazer, no referimos também à necessidade de amor e de bem estar.

Assim sendo a sexualidade é o aspecto central da nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros (COSTA, 1994).

Sem dúvida a sexualidade é um dos campos de maior importância e complexidade da vida humana. Mesmo que não tenhamos o conhecimento dos múltiplos aspectos culturais que a envolvem, o exercício da sexualidade nos acompanha desde o início de nossas vidas.

Historicamente, segundo Foucault, existe dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo. Em muitas culturas, como a China, o Japão, a Índia, Roma, existe uma arte erótica, ou seja, formas de iniciação e prazer sexuais. Na arte

erótica, a “verdade” sobre o sexo é extraída do próprio prazer, e não instituída por uma lei prescrita entre o permitido e o proibido.

Na cultura cristã européia ocidental produziu uma “ciência sexual”, para melhor controlar o corpo e o sexo do homem. Assim, a *scientia sexualis* é um dispositivo de sexualidade, que ao contrário da arte erótica, o sexo aparece como objeto de conhecimento, de uma ciência- confissão, que através de procedimentos técnicos, nos incita a falar, a confessar. Este confessar revela “verdades”, não só ao ouvinte, mas também ao sujeito que fala (FOULCAULT, 1998).

Nesta normalização da sociedade, a *scientia sexualis* não está separada da relação de poder- prazer, no sentido em que há prazer em ter poder sobre o sexo. No século XIX, o sexo é colocado numa rede discursiva de conhecimento, tornando-se elemento essencial do dispositivo de sexualidade.

O dispositivo da sexualidade é um dos pontos mais significativos nas relações de poder, ampliando as formas de regulação social pela estimulação dos corpos, intensificando prazeres e formação de conhecimentos sobre o próprio corpo (FRAGA, 2000).

A partir da década de 1960, várias transformações sociais construíram novas formas de relacionamentos e estilos de vida, que já se apresentavam profundos e perturbadores. Essas transformações viriam a intervir mais tarde em setores que haviam, por muito tempo, considerados imutáveis, “trans-históricos” e universais. “Conectados à Internet, sujeitos estabelecem relações amorosas que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade e determinam jogos de identidade múltipla nos quais o anonimato é freqüentemente utilizado (LOURO, 1999).

É impossível falar de sexualidade sem chamar a atenção para a grande importância da herança cultural que recebemos dos nossos antepassados. Sempre em mudanças, as sociedades humanas vêem os padrões herdados se modificarem, resultando em novos comportamentos, desejos, valores, enfim, numa nova sexualidade.

“A sexualidade em nosso tempo assumiu o caráter da verdade mais profunda a respeito de nós mesmos” (FRAGA, 2000, pág. 131). É um mistério, um segredo muito bem guardado, por qualquer indivíduo, preso no próprio corpo e do qual não se pode escapar.

Não podemos dizer que a sexualidade é algo determinado exclusivamente pela natureza, é uma intervenção social muito bem distribuídas em uma série de discursos que regem um modo de ser universal para os sujeitos masculinos e femininos em suas diferentes fases da vida.

2.2- Comportamento Sexual Moldado pela Sociedade:

Para que possamos entender o significado da expressão “Comportamento Sexual”, vamos separar estes dois vocábulos: “Sexo - é um impulso biológico, instintivo, é a força natural aliada à reprodução e também ao prazer; Comportamento – implica manifestações determinadas pelo indivíduo e pela sociedade” (KUPSTAS, 1997). Sendo assim o Comportamento Sexual é um impulso dos desejos instintivos, mas infiltrado nas idéias e valores atribuídos pela sociedade e da época em que se vive.

Como todos sabemos, as nossas ações e sentimentos com relação às demais pessoas, sempre envolvem aspectos relacionados à sexualidade. Existem muitas pessoas que acreditam que a forma como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas que convivemos, é a melhor e a única existente. Porém, não existem verdades definitivas, e a sexualidade, um dos campos onde mais exercemos relacionamentos, não é exceção.

O que diferencia homens e mulheres no campo da sexualidade, tirando as características anatômicas e fisiológicas?

O primeiro passo que devemos dar para que possamos ajudar no desenvolvimento de uma criança, é aceitar que a sexualidade é natural. Logo que nascemos, uma das primeiras perguntas feitas, é para saber o sexo do bebê. Respondida essa pergunta, toda a sociedade vai se comportar de uma maneira

particular e diferente com relação a essa criança (KUPSTAS, 1997). Os próprios pais tendem a tratar de maneira diferente os filhos. Se for menina o tratamento é mais cuidadoso, acompanhados por enfeites como laços de cabelo. Já os meninos são tratados de maneira mais “dura”, ouve-se frases como: “que menino forte”, como é esperto” e os enfeites não existem.

Após o nascimento, o próximo passo é providenciar o registro em cartório, documento público, que vai afirmar, perante a sociedade, se a pessoa pertence ao sexo masculino ou feminino (COSTA, 1994).

Durante o desenvolvimento das crianças, os pais sentem-se orgulhosos quando a criança balbucia as primeiras “palavras”, quando começam a dar seus primeiros passos. Porém, diante da evolução da sexualidade, em geral são cuidadosos, e muitas vezes preconceituosos, o que pode levar a um comprometimento do desenvolvimento natural da criança. (SUPLICY, 1999).

É muito comum observarmos os pais tomando o maior cuidado com o que as crianças brincam, por exemplo. Se as preferências pelos brinquedos que são adequados ao sexo (meninos = carrinhos; meninas = bonecas) forem diferentes, logo há a preocupação de que isto seja a primeira manifestação de um futuro comportamento homossexual.

Já tive a oportunidade de presenciar uma situação como esta dentro da escola. O preconceito partia dos próprios colegas de classe e o mais impressionante, muitas vezes os próprios professores tomavam atitudes preconceituosas, fazendo comentários a respeito do aluno. Ele somente andava com as meninas e sempre levava uma boneca para a escola. Não sei dizer como ele era educado em casa, como era sua relação com a família.

Veremos agora, segundo KUPSTAS (et alli, 1997), como se dá o processo de formação de identidade sexual e como vivenciamos a sexualidade.

Antes de entendermos este processo de formação de identidade sexual, é necessário estabelecermos uma diferença fundamental entre sexo biológico e papel sexual. Definimos sexo biológico como “um conjunto de características físicas e biológicas que diferenciam homens e mulheres”. Com relação ao papel sexual, é uma

expectativa que a sociedade tem em relação ao comportamento e as atitudes das pessoas de um determinado sexo. Como já citamos: os brinquedos e as cores de roupas que são oferecidos as crianças, são as primeiras ações culturais na determinação do papel sexual.

As características gerais dos papéis feminino e masculino são muito antigas, e já eram representadas na mitologia de antigas civilizações. Temos muitos exemplos de como se modificam os papéis sexuais dentro de uma sociedade.

O sexo biológico e o papel sexual, são aspectos muito importantes da nossa identidade sexual, influenciando fortemente a maneira como vivemos a sexualidade.

“Nascemos sozinhos, porém não podemos viver isolados das outras pessoas. A consciência que temos de pertencer ao gênero masculino e feminino vem do comportamento dos pais, dos familiares e da sociedade” (COSTA, 1994). Do ponto de vista social, é impossível que um indivíduo cresça sem pertencer ao gênero masculino ou feminino, pessoas “neutras”, não existem.

Compreendermos a sexualidade como socialmente construída, invoca atenção da pesquisa antropológica e sociológica, porém, não apenas voltada para os sistemas sociais e culturais que modificam a nossa experiência social, mas também, para as formas através das quais interpretamos e compreendemos essa experiência.

Sabemos que o comportamento sexual é visto como intencional, embora essa intencionalidade esteja sempre modelada no contexto específico de interações social e culturalmente estruturadas. “Machos e Fêmeas” biológicos devem passar por um processo de socialização sexual, no qual estão inseridos noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade, que serão modeladas ao longo da vida (LOURO, 1999).

Dentro dessa socialização sexual, os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, ações e práticas sociais, típicos de seus grupos de idade ou de status dentro da sociedade, assim como as alternativas sexuais que suas culturas lhes possibilitam.

É necessário, portanto, atentarmos para a diversidade de valores, juízos, sentimentos e práticas em torno das questões de sexualidade que estarão em confronto

com aquelas verdades que nos institui como homem ou mulher e/ ou educador ou educadora.

Em todas as instâncias estaremos veiculando valores, e nossos procedimentos serão fruto e reflexo e também motores e motivadores de outros comportamentos. É importante estarmos abertos para o confronto dos valores e construirmos uma relação reflexiva com as verdades.

2.3- Adolescência e Sexualidade:

O termo adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer. Sem dúvida é uma fase muito curiosa no desenvolvimento de meninos e meninas, onde ocorre o crescimento biopsicosocial que vai da infância à vida adulta.

É muito difícil não relacionarmos a adolescência como um período em que os indivíduos possuem comportamentos conturbados e de atitudes inconseqüentes, merecendo assim uma atenção toda especial (FRAGA, 2000). Segundo Vitiello, esta é uma fase de transição biopsicossocial, caracterizado por transformações biológicas, onde se busca uma definição do seu papel social.

Apenas poderemos realmente entender a adolescência, se fizermos um estudo dos diversos elementos que estão presentes no ser e no viver do homem². Esses elementos são: o biológico, o psicológico e o sociológico. Por isso é necessário, ao estudar a adolescência, que se tenha uma visão de síntese que reuna esses aspectos da análise humana, na composição do indivíduo total (VITIELLO et alli, 2000). Realmente entender as dificuldades e dúvidas que os adolescentes passam, é algo complexo. Porém, muitas vezes o que eles mais precisam nós não encontramos em livros ou artigos. Creio que, na experiência que tive ao trabalhar com adolescentes, o que eles mais necessitavam era apenas serem ouvidos. Deixar que eles coloquem todas

² Neste termo, percebemos uma linguagem masculinizada, na qual se engloba homem e mulher na palavra *homem*. Não pretendemos discutir esta polêmica neste instante, mas apenas registrar o grifo de que nas sutis manifestações da escrita, aparecem as mais profundas marcas da negação da mulher.

as suas angústias, medos, sem serem reprimidos ou ridicularizados, é a melhor maneira que temos para podermos ajudá-los. Mas como fazer isto?

A correria do dia-a-dia impede que os pais exerçam bem seu papel de educador e, principalmente de amigo. Esta tarefa não pode ser exclusiva da escola ou do grupo de amigos que estes jovens participam. Sabemos que dentro destes grupos poderemos encontrar pessoas boas, como também aqueles que levam nossos filhos para cominhos desconhecidos e perigosos, como as drogas, a violência, etc.

Sabemos que há uma significativa diferença entre um recém nascido (altamente dependente dos pais para sobreviver) e um adulto, capaz de lutar por sua própria vida. Entre este estado de dependência e a independência total, há um longo caminho a ser percorrido. “Do ponto de vista biológico, existe uma progressiva transformação entre o organismo infantil e o organismo adulto” (VITIELLO, 1997), porém a maturação biológica é comum a toda espécie humana, o modo como se dá o “amadurecimento” (modo como o indivíduo obtém a independência) varia de cultura para cultura.

Há pouco mais de trezentos anos, ninguém fazia a menor idéia da existência do período de vida que hoje chamamos de adolescência. Até o conceito de infância era muito vago, onde apenas se caracterizou como uma idade diferente da adulta. “Não havia precisão de anos, meses, dias. Os períodos eram dilatados e imprecisos” (FRAGA, 2000).

No início do século XX é que começa a ser construída a idéia de adolescência, com o surgimento de um discurso que une a idade cronológica a um modo de ser adolescente. E ao definimos adolescência como uma fase de crescimento biológico, social e psicológico, entre a infância e a idade adulta, estamos estabelecendo limites cronológicos (VITIELLO et alli, 2000).

Ao associarmos o início da adolescência aos fatores fisiológicos, aos fenômenos da adolescência relacionada com outros fatos que ocorrem no tempo, estamos fazendo uma cronologia relativa. E ao fixarmos datas ao início da adolescência, em termos de dias, semanas, meses ou anos, estamos procedendo uma cronologia absoluta.

Conforme a adolescência é cada vez mais aceita como uma fase de vida esplendorosa, é também colocada como um problema, onde os sonhos de infância já não fazem mais sentido e a vida adulta ainda é uma promessa.

Em nossa cultura, o ponto de largada da adolescência é a puberdade, onde transformações biológicas se iniciam, atingindo especialmente sua sexualidade. Já o aspecto que gira em torno da personalidade está no psíquico, sua mente, onde estarão sendo organizados os princípios e os valores que irão orientar as principais decisões de sua vida daí para frente (LACERDA & LACERDA, 1998).

Com isso podemos dizer então, que a puberdade é um fator biológico e a adolescência um conceito sociológico. Os fatores biológicos tem sua importância maior na determinação do início da adolescência, mas na determinação da passagem para a vida adulta, são muito imprecisos e frágeis (VITIELLO et alli, 2000).

Socialmente falando, a adolescência termina quando o grupo social dá ao indivíduo um papel, uma função social de adulto. Ele passa a agir com uma certa liberdade e torna-se responsável pelos seus próprios atos, desvinculando-se da família. Em nossa sociedade, esse “crescer social” é um pouco traumático. Cada grupo etário tem seu comportamento típico, diferente dos demais. Com a mudança de grupos, no seu jeito de ser e de agir, geralmente implica em se desaprender as atividades antigas e aprender novos valores e padrões.

No lado psicológico, a adolescência termina quando o indivíduo atinge a “maturidade psicológica”, ou seja, ele passa a dominar o seu ambiente, mostra unidade de personalidade e é capaz de perceber o mundo e a si mesmo. Começa a assumir responsabilidades da vida adulta.

Falar que a adolescência é a fase da “aborrescência”, é falarmos que estes jovens são insuportáveis, chatos, que deveriam sair de circulação. Com isso, estamos tentando dizer que eles são assim e não há nada que se possa fazer para mudar.

Sabemos que nossas características físicas são determinadas pelo código genético, somos seres únicos. Essa identidade é definida para sempre no momento da concepção. Já a identidade psicológica, resulta de uma lenta evolução de auto-

imagem, consequência de várias identificações com modelos que foram encontrados desde o início (pais, irmãos, professores,...).

Com isso vários questionamentos são levantados pelos adolescente, como: o que ele faz neste mundo? Para que a vida? Quem eu sou? Qual o seu papel dentro de uma sociedade competitiva e desigual?

Essa confusão é gerada pelo fato de que os adolescentes exercem papéis variados dentro da sociedade, fingindo ser o que todos esperam que ele seja, seguindo o padrão mais aceito de pessoas realizadas e felizes (LACERDA & LACERDA, 1998).

Os adolescentes desenvolvem uma personalidade projetiva, identificam-se com as pessoas mais adultas, em vez de desenvolverem seu próprio modo de ser. Nesse caso então, seria mais fácil se esses modelos escolhidos (pais, professores,...) tivessem personalidade bem definida. Essa firmeza gerada pelos adultos, é que os adolescentes precisam, onde podem se apoiar enquanto crescem. Quando não encontram “parâmetros”, pode ocorrer o surgimento de uma identidade negativa, apoiando-se na falta de sentido e procurando modelos delinquentes (LACERDA & LACERDA, 1998). Não encontrando algo que lhes chame atenção no sentido da educação e da moralidade, compensam-se na rebeldia contra a sociedade, que é culpada pelo sofrimento que estão passando.

As vezes os adolescentes acabam apresentando comportamentos tão diferentes do costume, nessa pressa de se definirem e crescerem, que acabam confundindo os adultos. Algumas vezes parecem ser maduros o suficiente para tomar qualquer decisão, outras vezes parecem crianças indefesas, que precisam do apoio dos pais. Esses comportamentos não deveriam confundir ou assustar os adultos. Quantas vezes nós mesmos não nos sentimos desprotegidos? Querendo a ajuda dos pais para resolver algum problema. A diferença existente são as responsabilidades. Pais e mães de família não podem simplesmente fugir dos problemas e das responsabilidades, eles tem que encontrar soluções. Já o adolescente não, ou ele se mostra suficientemente capaz e encontra uma solução, o que faz os adultos pensarem que ele já amadureceu,

ou fica no “status quo”, deixa como está e quem sabe as coisas não se resolvam sozinhas.

Parte da identidade do adolescente é definida com a descoberta do sexo: homem ou mulher?

Além dos sinais externos e primários que o tornam evidentemente um ou outro, os caracteres secundários (voz, pêlos,...) sugerem fortemente a definição do seu sexo, facilitando a formação da representação mental, e que podemos chamar de “esquema corporal” (LACERDA & LACERDA, 1998).

Contudo há algo que pode influenciar fortemente na formação dessa auto-imagem: o ambiente. A cultura ambiental pode interferir e criar confusões a respeito do comportamento adequado que lhe corresponda: uma coisa é o que o adolescente é, outra como ele se comporta.

Se voltarmos no tempo e pensarmos quando éramos adolescentes, provavelmente chegaríamos à conclusão de que complicávamos mais as coisas do que o necessário. Com os meninos e meninas de hoje não é diferente. Situações do mundo adulto que parecem simples e de fácil resolução, para os jovens parece ser tarefas complicadíssimas e sem solução.

Para que possamos entender um pouco mais o mundo dos adolescentes, precisamos estar atentos a alguns fatores como a relação entre os gêneros masculino e feminino. As meninas são educadas para não tomar iniciativas na área sexual, sempre acreditando que um dia uma grande paixão irá acontecer em sua vida. Já os meninos são estimulados a seduzir o maior número de meninas possível, tornando-se assim o melhor do grupo em que está inserido. Uma educação desta maneira pode dificultar a relação de homens e mulheres, partindo de princípios desiguais.

O que geralmente acontece, é que muitas meninas sentem dificuldades de admitir que já iniciaram sua vida sexual. Assim, não tomam nenhuma providência anticonceptiva e acabam por acreditar em idéias falsas, como: a mulher não engravida na primeira vez, de pé não engravida, etc (RADESPIEL, 1999).

É por estas e tantas outras questões que a escola deve-se fazer presente na formação destes jovens. Informações passadas pela mídia ou por um colega de classe,

acabam se tornando as únicas verdades que conhecem, podendo levar a atitudes com consequências desastrosas para o seu futuro.

Sabemos que a vida não é um conto de fadas, onde um príncipe aparece para salvar a princesa (RADESPIEL, 1999). Quando queremos ter um relacionamento com alguém, geralmente começamos pela paquera. Uma troca de olhares e sorrisos até que se tenha coragem para se aproximar e começar uma conversa. É aqui começam as descobertas dos pontos em comum e se vale a pena continuar.

Depois deste estágio ocorre a troca de experiências e sensações, que os adolescentes chamam de ficar. Nesta fase tem-se a oportunidade de lidar com uma pessoa do sexo oposto e de colocar limites em relação ao que você aceita ou não dentro dessa troca de experiências. E chegado o momento em que só ficar não é mais suficiente, acaba se transformando em namoro. Antes de mais nada, namoro é estar com alguém que se gosta muito, participar da vida do outro, ser companheiro.

2.4- O Papel da Família

Para que possamos melhor entender o comportamento dos pais de hoje, com relação a educação de nossos jovens, façamos uma viagem no tempo, por volta da década de 40.

As pessoas nascidas nesta época, foram criadas com todo formalismo. A figura do pai, um homem sério de terno e gravata, assíduo às missas de Domingo, envolvido com questões política, sociais e religiosas. Já a mãe, cuida da casa e dos filhos, uma senhora de respeito que ao sair a rua não olha para os lados e nem conversa com estranhos. As meninas da época eram criadas para o casamento. Aprendiam a bordar, tocar piano, cozinhar, enquanto esperavam, virgens naturalmente, o bom partido que as levasse para o altar. Já meninos aprendiam as rígidas normas sociais e religiosas. Estas histórias nós sempre ouvimos nossos avós contarem, como foi sua educação, a severidade do pai e a delicadeza da mãe, com as tarefas de casa e o cuidados com os filhos e marido.

Sabemos ainda que, naquela época a separação de casais e assuntos relacionados ao sexo, não era admitido dentro de casa. Imaginar que as meninas da época, nossas mães, avós e bisavós, só tinham o conhecimento do que era sexo momentos antes do casamento, onde as explicações dadas nem sempre eram suficientes, é algo inaceitável nos dias de hoje.

Avançamos mais um pouco para a década de 50, onde jovens insatisfeitos, correm atrás de novos rumos. Novos ídolos surgem (Elvis Presley, Marilyn Monroe,...) e com eles um movimento chamado “beat”. Este movimento pregava um novo conceito de sexo, que estava totalmente desligado de qualquer tipo de compromisso. Novas formas de agir, falar e se vestir começaram a surgir. “Os pais começam a não entender os seus filhos, o que eles querem, o que eles fazem” (VITIELLO, et alli, 2000).

A partir da década de 60, surgem os hippies com o lema: “Faça amor, não faça a guerra”. Jovens do mundo inteiro unem-se em protesto contra a sociedade da época. Começavam a ser derrubados todos os tabus, uma nova moral defendia e divulgava o direto ao prazer sem nenhuma restrição. No Brasil, os jovens da época, cercavam seus ídolos, lotando os festivais de música. “O movimento hippie, surgiu como a grande esperança, com o tempo perdeu toda a força. Era o fim do sonho como prenunciava John Lennon” (VITIELLO et alli, 2000).

Percebemos que com o passar do tempo diversas transformações aconteceram e, ainda continuam acontecendo. Os pais de nossos jovens vendo tudo isso, sentem-se inseguros, pois os valores morais que aprenderam estão sendo modificados a cada dia, de uma forma veloz e intensa, não conseguindo, muitas vezes, acompanhar essas novas idéias.

Nossos adolescentes no entanto, passam por uma crise dentro de uma outra crise, basicamente, do mundo contemporâneo. Os pais já não sabem o que fazer, pois com tantas mudanças acabaram perdendo seus referenciais do passado e ficando sem uma expectativa para o futuro. Apesar disso, percebemos uma melhora significativa no relacionamento familiar. Hoje fala-se com mais liberdade questões relacionadas ao sexo, casamento, gravidez, etc. Encontramos, porém, muitas falhas na educação de

nossos jovens; hoje conversamos abertamente sobre tudo, mas será que estamos fazendo da forma correta? Por que com tantas informações girando ao nosso redor, ainda existem dúvidas, conflitos entre gerações? Será que podemos explicar esta falha?

Dar uma solução definitiva ainda está muito longe de ser alcançada, mas podemos tentar encontrar algumas idéias do que está acontecendo. Temos o conhecimento de que a grande preocupação dos pais é querer o melhor para os seus filhos, mas nem sempre sabemos o que é o melhor. Com as várias modificações nos costumes e valores sexuais, os pais ficam sem saber como agir, como educar seus filhos. Uns são autoritários demais, sempre impondo regras e não deixando espaço para argumentação, enquanto outros preferem deixar de lado sua responsabilidade, não colocando regra nenhuma. Podemos dizer qual é a maneira correta? Certamente, não. Não existem fórmulas a serem seguidas, porém temos que concordar em uma coisa: o diálogo é o melhor caminho para se esclarecer dúvidas e para um melhor entendimento sobre a vida.

Com certeza muitos pais consideram algo muito difícil falar sobre sexo. Como vimos, eles foram educados em outra época e, concordam que a educação que receberam não foi a melhor e que poderia ter sido de uma forma diferente. Muitos acreditam que deveriam ser especialistas no assunto para poder falar a respeito. Há também aqueles que sentem vergonha de dizer que não sabem e que irão se informar. A verdade é que a grande maioria nunca conversou sobre sexo com os pais e sentem constrangimento em falar nesse assunto com os filhos (SUPLICY, 1998).

Você conversar com seu filho sobre sexo, não o estará estimulando a viver a vida sexual, mas estará respondendo a dúvidas que muito jovens têm. Ao contrário, se existir a proibição sem um por quê, estaremos despertando a curiosidade e com isso conseqüências indesejadas como, uma gravidez ou uma doença.

Para existir essa conversa aberta e esclarecedora, é preciso antes de mais nada a confiança. Os filhos devem confiar em seus pais e vice-versa. “Confiar é colaborar para que o filho tome suas próprias decisões de maneira responsável” (SUPLICY, 1998).

2.5- A Escola como dispositivo da Sexualidade

A escola sempre se depara com situações onde é exigida sua intervenção. Seja dentro de sala, durante o recreio, quando proíbe ou permite certas manifestações, seja quando opta por informar, reprimir ou ignorar. A omissão também é uma forma de educação. Ignorar é dizer que o sexo é feio e não se pode conversar a respeito (SUPLICY, 1999).

Um dos maiores problemas encontrados pelos professores em suas aulas, são questões relacionadas ao gênero. Sabemos que o sexo diz respeito ao atributo anatômico, mas segundo RADESPIEL (1999) e SUPLICY (1999), no conceito de gênero torna-se o desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção cultural e social.

Mas qual a importância de se discutir questões relacionadas ao gênero dentro da escola?

É através de discussões relacionadas a gênero, que procuraremos combater as relações autoritárias, questionar os padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e indica um caminho para a sua transformação. Porém este trabalho será dificultado se, em casa as experiências das crianças forem diferentes dessa igualdade que estaremos propondo. Um exemplo bem simples é o se o pai ajuda a mãe com os afazeres domésticos. Mais do que qualquer discurso, é importante a ação do pai cozinhando ou simplesmente tirando a mesa. Sem exemplos adequados, será difícil para a criança entender e assimilar novos comportamentos e transformações de relação entre os gêneros.

Vivenciamos todos os dias na escola comportamentos diferenciados entre meninos e meninas, onde em certa época eles se reúnem, espontaneamente, por sexo, dificultando o relacionamento entre eles. Isso não significa que eles desvalorizam um ao outro, mas estão numa fase de construção da identidade, onde é preciso primeiro afirmar-se como menino ou menina. Num segundo momento já existe uma aproximação, espontaneamente também, revelando uma curiosidade pelas diferenças (RADESPIEL, 1999).

Já com a chegada da puberdade, há um maior entrosamento e interesse por parte dos jovens, porém com alguns conflitos e agressões, onde o professor é chamado a intervir, e propor estratégias para facilitar estas relações entre meninos e meninas.

Mas será que este trabalho de esclarecimento e entendimento acontece dentro da escola?

Como sabemos, o papel da escola até hoje, é reproduzir os interesses da classe dominante, no entanto, como educadores, devemos buscar novos posicionamentos, novas idéias, para que possamos atender de maneira satisfatória as transformações pelas quais estamos passando, constantemente.

Ao realizarmos um trabalho sobre a sexualidade, que tenha como objetivo o respeito e a confiança, a escola poderá utilizá-lo como uma alternativa de construção do respeito às individualidades, da troca de experiências e conhecimentos que estimulem o uso responsável da liberdade do homem. Os jovens serão capazes de compreender os valores que estão em torno das relações interpessoais e relações de produção (SOARES, 1999).

A escola tem um grande “concorrente” para enfrentar, os meios de comunicação. As informações são mostradas abertamente, ao mesmo tempo em que tocam em pontos importantíssimos, como DST’s (Doenças Sexualmente Transmissíveis), também despertam prematuramente a curiosidade e fantasias, nos quais os questionamentos não estão de acordo com a faixa etária e com o desenvolvimento intelectual.

Assim ao analisar os problemas da adolescência, vemos que eles acabam se manifestando na escola, pois é o local onde os jovens se encontram diariamente, trocando opiniões e dúvidas.

A escola ainda é uma estrutura muito limitada, pois não dá espaço e nem liberdade, que é uma dimensão da sexualidade, para a expansão de aspectos múltiplos da cultura, não tendo nem espaço e nem condições para ser expressada.

Apesar destes aspectos que ainda impedem a escola de exercer um trabalho eficiente dentro do campo da sexualidade, é ela o agente mais importante da educação

sexual, pois é durante o cotidiano, que percebemos as mais variadas manifestações, comportamentos da sexualidade em cada um.

Assim é necessário que a escola trabalhe para a construção de um conceito de sexualidade que contribua para a compreensão do processo de desenvolvimento pessoal, que vá além do desenvolvimento biológico, que possa ter a consciência do corpo como elemento de ligação entre o mundo interior e o mundo exterior de cada ser humano (SOARES, 1999).

2.6- A Orientação Sexual na Escola

Até agora vimos alguns pontos sobre a história da sexualidade, como ela vem se desenvolvendo dentro da sociedade, o comportamento dos adolescentes e a importância da família, contudo entraremos agora no que considero o mais importante para nós educadores: a Orientação Sexual dentro da Escola.

Primeiramente é necessário que saibamos, de forma clara e objetiva, a importância de se trabalhar esta temática dentro da escola. Quais são seus objetivos?

O principal objetivo da Orientação Sexual é informar, aprofundar conhecimentos e, proporcionar aos nossos jovens, uma visão ampla e diversificada das opiniões e conceitos sobre tudo o que envolve a sexualidade.

Vimos que a sexualidade é primeiramente abordada dentro do âmbito familiar, onde são transmitidos valores adotados por cada família e esperando assim, que os filhos também assumam os mesmos valores.

Na escola porém, a grande preocupação é informar, erradicar preconceitos, abordar os diferentes e diversos pontos de vista que existem em nossa sociedade, auxiliando o nosso aluno a encontrar, através da reflexão, uma referência (RADESPIEL, 1999).

O que não podemos e nem queremos fazer é invadir ou substituir a educação familiar, mas sim complementá-la e, para isso existe a necessidade de um planejamento e intervenção dos educadores. Com isso pretendemos fazer um trabalho

coletivo, onde a ação pedagógica possa agir sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno. O trabalho a ser desenvolvido deve ser de maneira coletiva, auxiliando assim as crianças e jovens a distinguir também, o que pode e deve ser compartilhado com o grupo e o que deve ser mantido como uma vivência pessoal (RADESPIEL, 1999). Assim, segundo SUPPLY(1999), a escola deverá informar a família de seus alunos a proposta e os princípios que se tem sobre a orientação sexual.

Podemos entender então, que o trabalho da Orientação Sexual na Escola, é levantar questionamentos, ampliar a área de conhecimentos e de opções, possibilitando que os próprios alunos façam a escolha de seu caminho, de forma consciente e responsável.

Tratando a sexualidade como tema transversal, cada uma das áreas poderá trabalhar esta temática de acordo com a sua própria proposta. Sabemos que a abordagem sobre o ser humano deve ir além dos conceitos biológicos e anatômicos. O nosso corpo interage com o meio em que vivemos, através de emoções, sentimentos, prazer, etc. Buscamos assim a construção de conceitos e valores a respeito deste corpo, por isso a importância das idéias e concepções das diferentes áreas do conhecimento, para a construção dessa visão.

A Orientação Sexual deve começar desde cedo, logo que a criança entra na escola e desenvolver-se durante toda sua vida escolar. É claro que na primeiras séries do ensino fundamental, não trabalharemos diretamente com matérias relacionadas a sexualidade, mas com o que surgir naturalmente da criança, comportamentos, atitudes e questionamentos.

Este trabalho com crianças é realizado de forma integrada com jogos, brincadeiras, histórias, etc. Mas para que isto aconteça de maneira natural é necessário que o educador esteja muito bem preparado.

A partir da quarta série do ensino fundamental, segundo Supplicity (1999), podemos trabalhar de maneira mais estruturada, onde a Educação Sexual já está incluída no horário escolar. Como já dissemos, o objetivo deste trabalho é proporcionar ao aluno conhecimento a respeito de como exercer sua sexualidade de forma prazerosa e responsável

2.6.1- Esclarecendo Dúvidas

É muito comum uma série de questionamentos “confundirem” meninos e meninas ao entrarem na adolescência. Mudanças biológicas e psicológicas, expectativas com relação a sua existência, que muitas vezes não são esclarecidas.

Não queremos aqui responder estas perguntas, mas encontrar meios que possam ajudar os professores a fazer isto da melhor maneira possível.

Antes de mais nada é necessário que o professor esteja atento à fase de desenvolvimento em que se encontra a criança. Estudos já nos mostraram comportamentos específicos em cada idade. Quem já não presenciou a cena, onde meninos tentaram ver a calcinha das meninas, ou não tiraram a própria calça diante dos colegas?

Imagine-se diante de uma situação como esta. O que você faria? Diria que é feio, iria brigar e exigir que isso não se repetisse? Ou vai tentar conversar, dizer que na escola existem certos limites que devem ser respeitados?

Sem dúvida um dos papéis mais importantes da escola é estabelecer limites. O primeiro deles é o respeito. “A curiosidade precisa ser apontada pelo professor e satisfeita de maneira a garantir o respeito aos outros” (SUPLICY, 1999).

Citei anteriormente um caso onde um menino brincava de boneca e sempre andava em companhia das meninas. De certa forma o respeito dos colegas para com ele não existia, pois nem o professor dava muito exemplo disto. Neste caso, para que o menino fosse aceito pelos demais sem correr o risco de ser criticado, o professor da turma deveria mostrar as qualidades do garoto para os colegas, mostrando que ele era igual a todos, e que merecia o mesmo respeito.

Se o aluno perguntar, responda sem rodeios, responda da melhor maneira possível, de forma fácil de ser compreendida. Dentro da escola, ou em outros ambientes, vemos pessoas discutindo, debatendo sobre alguma coisa, seja ela futebol, política, religião, ou tentando resolver algum problema.

Por que então, não levamos o debate para dentro da escola? Colocar os alunos para discutir situações nas quais eles tem dúvida?

Acredito ser esta uma maneira muito rica de se encontrar soluções para as dúvidas mais freqüentes, de maneira simples, construtiva e democrática, onde todos podem opinar.

Para que haja um debate, é necessário antes de mais nada, respeito por aquele que está falando, e para garantir isto, é preciso que se tenha um mediador, neste caso o professor. Cabe a ele organizar as idéias e argumentações, podendo apresentar no final, uma conclusão. Esta conclusão pode ser individual, pois em debates como este várias opiniões são colocadas em discussão, assim cada um tira para si aquilo que achar mais importante.

É claro que não existe apenas o debate como forma de esclarecer as dúvidas dos nossos alunos, pode ser a maneira mais rica, pois há confrontação de várias idéias, porém não é a única. Fazer com que os alunos pesquisem, façam trabalhos, assistam palestras... também são formas de aprendizado. Basta incentivar os nossos jovens a buscar o conhecimento.

Professor, se você não souber responder a uma pergunta, não tenha medo de dizer: “Não sei, mas vou procurar me informar”. A confiança entre professor e aluno é a base para a construção do saber. Estabelecer um diálogo aberto é o primeiro passo para se conseguir as respostas necessárias.

2.6.2- Postura do Educador

Como sabemos, o papel da escola é o de informar e discutir as diferentes crenças, preconceitos, valores e atitudes que existem na sociedade. Assim a Orientação Sexual dentro da escola deve abordar todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela própria sociedade, com as crianças e jovens, dando-lhes a possibilidade de formar opiniões a respeito do que está sendo apresentado.

O professor deve entender que a busca do prazer e as curiosidades sobre a sexualidade, fazem parte do desenvolvimento de crianças e jovens.

Segundo SUPPLY(1999), o posicionamento respeitoso do professor perante as diferentes culturas, valores e religiões são os fundamentos necessários para a

condução do trabalho de Orientação Sexual. O professor deve estar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre a temática sexualidade, estando assim, preparado para uma intervenção junto aos alunos, sendo mediador das discussões.

Tanto SUPPLY(1999) quanto RADESPIEL(1999), nos dizem que o professor deve conduzir o processo de reflexão, que possibilitará ao aluno a autonomia para escolher os seus valores, porém o professor deve Ter a consciência de abster-se da transmissão dos seus próprios valores, crenças e opiniões, como sendo princípios ou verdades absolutas.

É claro que não podemos exigir do professor uma isenção completa nas questões ligadas à sexualidade, mas ter a consciência sobre quais são estes valores que se tem em relação à sexualidade, é um elemento importante para que se desenvolva uma postura ética na sua atuação junto aos alunos (RADESPIEL, 1999). Como já falei anteriormente, a relação entre professor e aluno deve ser de confiança. Para que isto aconteça o professor deve estar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, evitando ao máximo, emitir um juízo de valor e responder diretamente e de maneira esclarecedora.

A postura do educador é fundamental para que os valores básicos propostos, possam ser conhecidos de acordo com os objetivos a serem atingidos. Por exemplo, questões relacionadas a gênero, o professor deve transmitir (se tiver consciência da magnitude deste dilema), pela sua conduta, o reconhecimento de direito e dignidade de cada um, homem e mulher (SUPPLY, 1999; RADESPIEL, 1999).

Assim como educadores, ao orientar todas estas discussões, devemos respeitar a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo garantir o respeito e a participação de todos.

2.6.3- Relação Escola – Família

Para todo e qualquer trabalho que se pretenda realizar com questões relacionadas à sexualidade, é fundamental que haja uma interação entre escola e

família. Ambas enfrentam dificuldades e limitações no estabelecimento de seus níveis de atuação.

Como já vimos anteriormente, o trabalho de Orientação Sexual deverá, além de complementar, interagir com a educação dada pela família. Para isso, a escola tem o dever de manter os pais de seus alunos informados, sobre a inclusão dos conteúdos da Orientação Sexual na proposta curricular e explicar os princípios norteadores da proposta.

Este diálogo entre escola- família, deverá se dar de todas as formas possíveis, principalmente, através das reuniões das APM's (Associação de Pais e Mestres), onde pais e professores poderão discutir idéias dar sugestões, sobre a melhor forma de abordagem à temas relacionados à sexualidade; isso quando a linguagem entre a comunidade é clara, e a liberdade de discussão é evidente.

Sugiro que nestas reuniões da APM, haja algum tipo de trabalho no qual possam ser realizadas atividades de integração, nas quais os pais possam se colocar na condição de alunos, pois assim poderiam compreender a difícil situação dos educadores, diante dos novos desafios da temática sexualidade. Minha sugestão é a de que a atividade poderia ser realizada assim: divididos por séries (correspondendo a série em que seu filho se encontra), os pais dos alunos iram assistir a aula que futuramente seus filhos irão ter. Desta forma, os pais, estarão tendo o acesso ao que o seu filho está estudando, a maneira como o professor ensina, podendo assim, fazer comentários e críticas, que auxiliem o professor neste processo ensino- aprendizagem.

Acredito que esta forma de interação entre escola e família, seja algo realmente produtivo, porém não tão fácil. As diferentes concepções, valores e crenças, são claramente expressas pelas famílias. Sendo a escola um espaço aberto para a discussão de toda essa pluralidade de idéias, não cabe a ela julgar o certo e o errado e sim, trabalhar o respeito às diferenças apresentadas pelas famílias.

A única exceção que faremos, é em relação à situações em que haja desrespeito, violação dos direitos das crianças e jovens. Cabe a escola garantir a integridade de seus alunos, como por exemplo, num caso de violência sexual causada

por familiares, comunicando o Conselho Tutelar, ou autoridade correspondente (RADESPIEL, 1999).

Portanto, professores e, principalmente, pais, estejam atentos à educação de seus alunos e filhos, participem, eduquem; mantenham um diálogo aberto e esclarecedor. Pais, unam-se aos professores, e vice-versa, não apenas critiquem, mas ajudem um ao outro a tornar a educação das nossas crianças e jovens mais completa e mais consciente.

Pais e professores são parte da comunidade escolar, estão portanto vulneráveis à avassaladora corrente de novas formas educacionais dos meios de comunicação, ora boas, ora ruins.

É no intuito de qualificar as informações obtidas que se propõe ampla discussão e dramatização escolar entre pais e professores.

Neste sentido, após ampla leitura, observação e análise de conteúdos que pretendo pontuar algumas questões na conclusão como ponto de partida para novas análises, críticas e proposições.

3- CONCLUSÃO:

Sabemos que a sexualidade não tem uma definição exata. Muitos aspectos a envolvem e vão sendo construídos ao longo da vida. É através dela, entre outros importantes fenômenos, que estabelecemos relações com as outras pessoas e com o mundo. Estas formas de contato acontecem de diferentes maneiras, através da mídia, do trabalho, do lazer e de forma virtual, através da Internet. Se formos pensar, quantas pessoas espalhadas pelo mundo podemos conhecer sem sair de casa, apenas estando na frente de uma máquina?

É portanto, a sexualidade hoje, sendo um forte meio de exploração da imagem, podemos compreender o comportamento social através de vestígios destes códigos marcados pela normalização de novos gestos, costumes e novas formas de relacionamentos.

O primeiro passo que deveremos dar para entender “sexualidade” é perceber como a sociedade se comporta, por exemplo, quando nasce um bebê. Tanto faz, menino ou menina, todos passam a agir de maneira diferente com um e com outro. Durante todo o seu desenvolvimento, é criada uma expectativa com relação ao comportamento da criança, atitudes de menino ou de menina, esta é a principal preocupação dos pais e da sociedade em si.

Desenvolve-se então, a partir destas expectativas o papel sexual do indivíduo dentro da sociedade. O que se espera dele e como deverá se comportar de acordo com as características, masculinas ou femininas, que existem desde a antigüidade.

Estando vinculados a um processo social que nos ensina a sentir, agir, a nos comportar de acordo com uma cultura, deveremos estar atentos como homens e mulheres, educadores e educadoras, que aquilo que aprendemos, será fruto e reflexo para outros comportamentos. Devemos então estarmos abertos a novas ações reflexivas e que venham de encontro às nossas.

A fase onde encontramos, sem dúvida nenhuma, maior dificuldade em encontrar e entender seu papel dentro da sociedade, é a adolescência. Uma fase de

transição, sai da infância (onde somos protegidos), até chegar a fase adulta, onde as responsabilidades com trabalho, família e com a sociedade são mais fortes e exigidas.

A adolescência tem como seu ponto de partida, a puberdade, onde diversas transformações biológicas acontecem. Conceituar adolescência como sendo algo exclusivamente biológico é um erro. Não podemos deixar de lado os aspectos que envolvem a personalidade, muitos valores e princípios estão sendo formados. É aí que dizemos que a puberdade é um fator biológico e a adolescência um fator sociológico.

A passagem para o mundo adulto não se pode determinar através de fatores biológicos. Já com relação a formação social do indivíduo, percebemos inúmeras transformações em consequência das diversas formas de socialização. Através dos meios de comunicação, relacionamentos com outras pessoas, vai se construindo idéias, opiniões , recebendo da sociedade um papel, uma função, onde ele é responsável por todos os seus atos, tornando-se assim um “adulto responsável”.

A diferença entre ser adulto e ser adolescente, está nas responsabilidades. Os adultos não podem fugir do problema, eles tem que encontrar soluções e resolver, já o adolescente não, ele pode se esconder atrás da família e deixar que tudo se resolva sozinho.

Parte da formação da identidade adolescente, é formada com a descoberta de ser homem ou mulher. Meninos e meninas são educados de forma diferenciada, onde certas atitudes são permitidas para um e proibidas para outro. É aí que pais e professores devem estar atentos, para transmitir o maior número de informações possíveis para que, informações transmitidas pela mídia , não se tornem as únicas fontes de “verdades e modelos” para estes jovens. Evitando consequências que a vida sexual inconsequente pode trazer: gravidez, doenças, etc.

O papel da família torna-se algo cada vez mais imprescindível, mesmo que muitas vezes não saibam como lidar com determinadas situações.

Com diversas transformações que ocorreram e ainda continuam a acontecer, fazem com que aqueles valores que antes aprendemos se percam e tomem novos rumos. Com isso perdemos o nosso referencial e ficamos sem saber como atuar diante das novas mudanças, para a qual estamos seguindo.

Mesmo com todas estas dificuldades, o relacionamento familiar está muito melhor, mais aberto, pais e filhos sentem-se mais a vontade para discutir determinados assuntos. Porém, mesmo com essa liberdade, troca de informações, encontramos falhas na educação de nossos filhos.

Com certeza não existe uma solução para isso, mas podemos encontrar algumas idéias para o que está acontecendo. Aquilo que acreditamos ser o melhor para a educação das crianças e adolescentes, nem sempre é verdadeiro. Não existem fórmulas, receitas que possam ser seguidas. A única coisa em que realmente creio que funcione, em qualquer idade e situação, é o diálogo.

Trazendo esta idéia para a sexualidade, encontramos, tanto em pais e professores, a vergonha e a dificuldade em se falar sobre sexo. Não é necessário que ser um especialista da área, mas que saiba dialogar, explicar os por quês e responder as dúvidas de forma clara e objetiva.

A escola em si, tem um papel importantíssimo nessa formação. Somos construtores de um conceito de sexualidade, conceito este que possa ajudar o nosso aluno a ter a consciência de que seu corpo é um elemento de ligação entre o mundo interior e exterior de cada indivíduo.

Então, o nosso objetivo de trabalhar a Orientação Sexual na Escola, é propiciar ao aluno informações sobre tudo e todos os tipos de abordagens sobre a sexualidade, para que através da reflexão, ele comece a formar sua própria opinião.

Não pretendemos, de forma alguma, invadir a educação dada pela família, mas sim, complementá-la. Para isso, um trabalho conjunto escola- família, não pode ser dispensado.

Com relação a nós professores, devemos nos preocupar com as diferentes opiniões, culturas, valores e religiões. Ao mediar um debate sobre sexualidade, devemos expor todas estas abordagens, porém com o máximo de cuidado para que as nossas idéias, crenças e valores, não sejam impostas de alguma forma ao grupo. O professor deve abster-se de suas opiniões, não de forma completa, mas ter a consciência de manter uma postura ética junto aos alunos.

A partir deste trabalho, podemos concluir que, como educadores, temos um papel muito importante a desenvolver no processo de formação de nossas crianças e jovens. Apesar de todas as transformações pelas quais passamos, as informações que precisamos estão a nossa volta, sem restrições, ainda assim existem muitas dúvidas.

Temos que ter condições para um crescimento pessoal e profissional, e para isso é necessário ter condições econômicas para que professores e educadores, de modo geral tenham um contato direto com as informações que estão sendo apresentadas. Ir ao teatro cinema, estudar textos, poesias, letras de músicas, estar em contato com a arte e a literatura, atualizando-se assim no sentido amplo e restrito do termo.

Através deste trabalho, pude perceber a importância de estarmos em contado direto com o mundo em que nossas crianças e adolescentes estão integrados. Fazer parte e tentar entender o que eles estão vivendo é um grande passo para um diálogo aberto, explicativo e até mesmo preventivo.

A relação da escola com a família, a importância de conscientizar os pais de que sua participação na vida escolar de seus filhos é indispensável, foi algo que descobri como sendo fundamental. É um trabalho difícil, porém é algo que devemos pensar e tentar resolver da melhor maneira possível, isso é claro, se tivermos como objetivo o melhor desenvolvimento dos nossos filhos, caso ao contrário estaremos, como se diz na gíria popular, “dando murro em ponta de faca”.

Indo além da área escolar, confrontando as idéias de autores com as que tive em minha formação pessoal, aprendi que devemos tratar esta temática sexualidade de maneira muito natural. Para mim, antes de começar este trabalho, falar sobre sexo, relações humanas, era algo complicado, sentia medo de estar falando coisas erradas e até mesmo vergonha. Hoje posso dizer que estou melhor preparada para enfrentar situações onde será necessária minha intervenção. É claro que ainda necessito de muito estudo, e é por esse motivo que pretendo levar adiante este trabalho, aprofundá-lo cada vez mais, para tentar ajudar, não só a mim, mas a todos os professores que de alguma maneira sentem a mesma dificuldade que eu.

É óbvio que não somos os donos da verdade, porém sabemos das conseqüências que alguns atos podem levar. Assim, não basta falar não faça isso, ou não faça aquilo, mas falar a verdade sobre o que pode acontecer depois.

Para finalizar, quero frisar que esta monografia é resultado de uma determinada ótica de leitura, em um específico momento de estudos e amadurecimento acadêmico. Está claro, portanto, que esta é uma maneira de ver e analisar o tema sexualidade na escola e que, qualquer outra pessoa ou pesquisador poderá, no mesmo locus de observação, desfrutar diferentes análises e obter, também, diferentes conclusões. Eis aqui a riqueza das possibilidades oferecidas pelas pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BONATO, N. M. da C. Dissertação: **“Educação (sexual) e sexualidade: o velado e o aparente.”** Rio de Janeiro, 1996.
- COSTA, R. P. **“Os 11 Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana”**. Editora Gente. São Paulo , 1994.
- FRAGA, A. B. **“Corpo, identidade e bom-mocismo”**. Autêntica . Belo Horizonte, 2000.
- FOULCAULT, M. **“História da sexualidade 1 – A Vontade de Saber”**. 12 ed. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1984.
- FOUCAULT, M. **“História da sexualidade 2 – O Uso dos Prazeres”**. 8 ed. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1998.
- KUPSTAS, M. (org.). **“Comportamento Sexual”**. Editora Moderna . São Paulo, 1997.
- LACERDA, C. A.O.P.; LACERDA, M. P. **“Adolescência: Problema, Mito ou Desafio?”** Editora Vozes . Petrópolis, RJ, 1998.
- LOURO, G. L. **“O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade”**. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 1999.
- LOURO, G. L. **“Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista.”** 3 ed. Editora Vozes . Petrópolis, RJ . 1999, pág. 37-56/ 110-141.
- SUPLICY, M. **“Papai, Mamãe e eu – O desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos.”** Editora FTD . São Paulo , 1999.
- SUPLICY, M. **“Sexo para Adolescentes”** Editora FTD . São Paulo, 1998.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de Documentos Científicos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2000. V. 2: Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de Documentos Científicos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2000. V. 6: Referências.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES. **Normas para Apresentação de Documentos Científicos.** Curitiba: Ed. UFPR, 2000. V. 8: Redação e Editoração.

VITIELLO, N.; RODRIGUES, O M. **“As bases Anatômicas e Funcionais do Exercício da Sexualidade”.** Ed. Iglu , São Paulo , 1997.

VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I.S.C.; CANELLA, P.R.B.; CAVALCANTI, R. **“Adolescência Hoje- Comissão Nacional de Estudos Sobre a Adolescência.”** Prol Editora . São Paulo, 2000.